
Ponto de Vista O Pós-Marxismo e o Espaço Cotidiano

Armando Corrêa da Silva*

A distinção entre o marxismo ortodoxo e o marxismo heterodoxo representa um equívoco que instala, no âmbito da polêmica racionalismo x irracionalismo, um elemento contraditório que antidialeticamente não é capaz de resolver o conflito. O equívoco apresenta-se, por exemplo, nos esforços inúteis, porque cansativos e sistemicamente enclausurados, da polêmica Lúcio Colletti ("A crise do marxismo") x Perry Anderson ("A crise da crise do marxismo")¹. Os movimentos que ambos fazem para, de um lado, libertar-se do peso do passado e, de outro, resgatar esse mesmo pretérito são tragicômicos, mesmo quando há seriedade de propósito e nem sequer representam novidade no interior da própria tradição original.² São voltas e contravoltas determinadas pela própria indicação doutrinária: a crítica e a autocrítica.

Recentemente, Sérgio Paulo Rouanet ("Pós-moderno: a nova cara do velho irracionalismo")³ tenta desmistificar o pós-moderno (uma nova ideologia da indústria cultural?) mostrando-o como algo que não ultrapassa os limites do próprio modernismo. Para ele "o racionalismo da direita tem que ver com a adequação instrumental de meios e fins, e não com a organização da sociedade justa. Sua razão é, na terminologia de Weber, a instrumental, em oposição à substantiva; na terminologia de Horkheimer, a subjetiva, em oposição à objetiva; e na terminologia de Habermas, uma razão atrofiada, limitada apenas à verdade científica, em

*Professor Associado do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

¹ Comunicação apresentada na 39ª Reunião Anual da SBPC - Brasília - DF 12 a 18 de julho de 1987.

contraste com a razão comunicativa, que restaura a unidade da razão desmembrada, e inclui tanto a dimensão cognitiva, quanto a moral e a estética." Mas, a crise do homem contemporâneo (renascentista, iluminista, romântico, moderno) põe também em xeque a substantividade, a objetividade e a razão comunicativa.

No interior daquela distinção assiste-se ao desmoronamento da cultura gerada no Ocidente (ainda existe?). A deseducação torna-se uma necessidade. Assim como a limpeza da fita do gravador. Para quê?

A própria instrumentalidade negada impõe seus requisitos: a fita gravada, se é o caso, vai para o arquivo do intelectual informático, compondo os requisitos de uma nova História, fruto dessa nova práxis. Não há porque deter-se na sombra e no silêncio dos intervalos a não ser para retomar o fluxo do cotidiano.

Assim, o trabalho do que se denominou "aqui e agora" parece vir a ser o elemento fundante dessa nova práxis. Tenta ele libertar a mente do passado e do futuro. A intenção assemelha-se boa: livrar o indivíduo de seus fantasmas e da pressão da mídia. No entanto, o resultado é a eliminação da consciência teórica, e esse resultado mutila o "histórico (genético) e o procedimento abstrativo-sistematizante (que evidencia as leis e as tendências)", como diz Lukács.⁴

Para recusar aquele enclausuramento referido é preciso, então, ao contrário de recuar para o histórico transcorrido ou desejar ultrapassar a "consciência possível"⁵, é preciso, dizemos, trazer o passado e o futuro para o presente, como um processo vivo mas desmitificado. A criação passa a ser, assim, um pôr-se o trabalho no ato de o produzir e reproduzir.

Isto levaria o reino da razão dialética a ficar violentado em sua dimensão ôntica? Ou há aí uma nova forma de objetividade? Uma objetividade que passa pela interiorização do objeto (a proposta é de Sartre)⁶ e inclui os sujeitos psicológico, cognoscente, coletivo e histórico?

A resposta remete a um distanciamento em relação ao marxismo-leninismo e, num primeiro momento, à sucessiva aproximação à historiografia inglesa, ao neomarxismo norte-americano, à Escola de Frankfurt etc. Passa-se pela crise e pela resposta à crise do marxismo.

O impasse inicial se repõe.

Chamo pós-marxista aqueles marxistas de várias tendências que viveram o impasse e se encontram procurando novos caminhos, fora da prisão do debate ideológico.

Vivemos um tempo de descobertas, a começar pelas auto-descobertas. E, também, de redescobertas, algumas delas tardias, como a da fenomenologia.

É um momento do trabalho difícil, que não pode recuar a não ser para viver efemeramente o resultado, por vezes precário, que se alcança.

O cotidiano, por isso, alcança uma dimensão maior e contém a História, a Geografia, a Sociedade e a Natureza.

A ideologia daí resultante é uma ideologia do cotidiano (como defini uma vez para uma colega socióloga: a Geografia é uma ideologia do cotidiano!).

Por isso, o espaço. Não só esse imenso espaço de "inércia dinâmica"⁷, na expressão de Milton Santos, que contém os recursos e o capital fixo (fixado). Mas, principalmente o espaço de vida, de tal modo que se possa dizer que viver, no presente, é continuamente estar a abrir espaço, desde o da habitação até o da vida afetiva. A razão, apontada já por José Arthur Giannotti é a destruição da sociabilidade.⁸

A substantividade, a objetividade e a razão comunicativa a que se refere Rouanet se esforçam por ressuscitar permanentemente em meio ao contínuo fragmentar do real. Fragmentar esse que nos afasta uns dos outros, separando trabalho e lazer, razão e intuição, partido e cidadão, lugar e classe etc.

Mas, aqui se insinua subversivamente a idéia de unidade, cara a uma determinada filosofia política. Como não atentar para as diferenças?

O pós-marxismo vive, assim, o dilema de construir a história não podendo livrar-se dela. Daí um certo apelo nostálgico ao existencialismo.

Nesse trabalho de demolição, de construção possível, longe da alegria e entusiasmo fáceis, age-se como os artistas de vanguarda que compõem suas unidades estéticas a partir dos materiais do sistema, encontrados nas ruas ou nas oficinas.

Com uma diferença: os artistas expõem suas obras. Mas, quem está tendo o que os geógrafos escrevem? Quem os está escutando?

Bibliografia

1. Colidi, Lúcio (1983) *Ultrapassando o Marxismo e as Ideologias*, Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro. Anderson, Perry (1984) *A Crise da Crise do Marxismo. Introdução a um Debate Contemporâneo*, tradução de Denise Bottmann, Editora Brasiliense, São Paulo.
2. Marx, Karl (1956) *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, Editorial Vitória, Rio de Janeiro. "A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos", p. 17.
3. Rouanet, Sérgio Paulo (1985) "Blefando no Molhado" in *Folhetim*, nº 462, Folha de S. Paulo, 15 de dezembro de 1985, São Paulo.

4. Lukács, György (1979) *Ontologia do Ser Social. Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx*, tradução de Carlos Nelson Coutinho, Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo.
5. Goldmann, Lucien (1972) *A Criação Cultural na Sociedade Moderna (Por uma Sociologia da Totalidade)*, tradução de Rolando Roque da Silva, Difusão Européia do Livro, São Paulo.
6. Sartre, Jean-Paul (1966) *Questão de Método*, tradução de Bento Prado Júnior, Difusão Européia do Livro, São Paulo.
7. Santos, Milton (1986) *Por uma Geografia Nova. Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*, terceira edição. Editora Hucitec, São Paulo.
8. Giannotti, José Arthur (1986) *A Universidade em Ritmo de Barbárie*, Editora Brasiliense, São Paulo.